O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurantes, Cafés, Bars e classes Conjeneres

ANO II — N. 32 | Rio de Janeiro, 22 de maio de 1918 | REDAÇÃO RUA DO SENADO, 215 -- 217 Telefone -- Central 1499

A "BENEFICA" E AS IMPOZIÇÕIS PATRONAIS

Ha cerca de dois anos fundou-se nesta capital a «Associação Benefica dos Esmpregados em Hoteis», destinada a reunir, sob uma mesma bandeira, patrõis e empregados, isto é, esploradores e esplorados, opressores e oprimidos, como se entre as duas classes, de interesses inconciliaveis, não ezistisse a separa-las permanentemente uma intransponivel barreira, impedindo-as formalmente de qualquer aprossimação.

Claro que uma tão incoerente agremiacão, inspirada num confuzionismo absurdo e perniciozo, estava condenada a vejetar, alimentada apenas por meia duzia de inconcientes que a custa dos interesses de uma classe pretendiam estadear a sua estulticia, tirando d'aí o massimo proveito. De fato assim sucedeu, porque, á parte um ou outro elemento menos conciente e avizado, a grande maioria recuzou-se a ingressar na «Benefica» porque viam em tal ato a renuncia dos seus direitos e a conformidade com as condiçõis de vida a que estão sujeitos. Eis, porém, que em consequencia do rumo tomado pela questão das horas de trabalho, os patrõis que de ha muito vinham sentindo sobre o dorso o zurzir da ação do Centro Cosmopolita, começaram a maquinar um meio de pôr em cheque o prestijio da nossa associação, a lentando a enfezada «Benefica» e para isto rezolveram solenemente emprestar-lhe todo o seu apoio. Assim é que, sob promessa de colocaçõis e demais prebendas, procuram atrair á «Benefica» os injenuos que, iludidos, julgam ali encontrar aparentes vantanjens pessoais. Entretanto, como os simples acenos de vantajens e beneficios não bastassem, ei-los que abroquelados no seu poderio começam a ezercer a mais indigna e torpe pressão sobre os seus subordinados para que se associem á insignificante «Benefica», passando recibo da sua propria servidão.

Nós, porém, acreditamos que ninguem se submeterá a tamanha ignominia, porque semelhante fato significaria simplesmente que a classe tem tão pouca conciencia das suas degradantes condicõis de vida e dos seus direitos a dias melhores, que passivamente se submete a ser bastoneada pelos seu proprios opressores.

São tão dezencontrados os interesses de empregados e patrõis, tão fundas são as diververjencias que os separam, que não compreendemos como possam estas duas classes unirem-se sob uma mesma bandeira, sem que isto não importe no prejuizo de uma delas. E é obvio que os unicos prejudicados seriam os empregados que, descurando seus verdadeiros interesses abandonassem a sua organização de classe, lidima representante das suas aspiraçõis, para compactuar com os seus esploradores, cooperando inconcientemente para a derrocada das conquistas realizadas atravez anos seguidos de lutas e sacrificios.

Está conforme

D'«A Noite» de 16 do corrente:

«Influencias «sovieticas» e «bolshevisticas» no comercio carioca . . .

Cena autentica passada no domingo ultimo em uma caza de frutas, recem aberta e em luta franca com os vi inhos na disputa da freguezia.

São quazi 2 horas da tarde. O vizinho e rival já fechou as portas mais cedo. A ca a nova tem por isso um aumento inesperado de freguezia, qua i toda da ca a antiga. Um cavalheiro detem-se deante de um cesto de uvas. Espera que o venham servir, sem dar, porém, o menor sinal de impaciencia. Um icaixeiro graduado vira-se para um companheiro menos dezocupado: — «Seu Fulano! Olha aí um fregue . !»

«Seu» Fulano. porém, sem siquer se dignar voltar o rosto, grita ainda mais alto:

— «Viesse mais cedo! . . .»

Está claro que o freguez se retirou sem comprar e sem protestar. Um caixeiro tão jeniozo seria capaz de partir-lhe a cara, se ele protestasse. Mas, foi dezabafar junto a outro negociante prossimo, seu conhecido. E este negociante lhe disse:

— Isso não é nada! Você quer ver o ponto a que chegâmos? Hontem, Fulano, proprietario de uma caza de sorvetes, chamou o seu empregado de muitos anos e já interessado da caza, e pediu-lhe que fizesse um creme com urjencia. — «Não posso fazer — disse o empregado — porque para se fazer o creme são precizos pelo menos quarenta minutos e eu tenho de largar o serviço daqui a meia hora». — «Mas que tem que você se demore mais de minutos?» — «Nem mais um minuto!» — «Então você será despedido da caza!» — «Agora mesmo» . . . — E poz o chapeu na cabeça e saiu, absolutamente indiferente, ape ar da magnifica e prometedora situação que acabava de perder . . .

E concluiu o negociante: — «Influencias dos «soviets» e «bolsheviks», meu caro amigo. A revolução russa dezorientou toda essa jente. Hoje, os patrõis, é que somos os empregados dos empregados. . .

— Mas naturalmente!

Não nos venham, pois, com essas invocaçõis á «paz», á «ordem», á «harmonia entre os brazileiros». Não nos estejam a caturrar no estribilho das «ajitaçõis estereis».

Rui Barboza

Os nossos interesses são diametralmente opostos aos dos nossos patrõis, e só podem e devem ser defendidos dentro da nosssa associação de classe. Só compreendemos e aceitamos a solidariedade de todos os trabalhadores contraposta a dos sugadores do seu esforço, e a unica luta proficua e necessaria ao nosso bem estar será a que seja dirijida a arrancar á classe capitalista as melhorias que ela iniquamente nos sonega. Aliarmo-nos com aqueles que diariamente nos menosprezam e aviltam, nos esploram e oprimem, é sancionarmos tacitamente a servidão a que estamos submetidos e contra a qual tanta vez nos têmos rebelado.

Está na memoria de todos porque é de hontem e ainda é de hoje, a atitude reacionaria e cobarde com que esses senhores se opozeram á ezecução da lei reguladora das horas de trabalho, demonstrando, assim, bem significativamente, que o seu unico dezejo é o de fazer perdurar este estado de couzas.

Demais — é inutil terjiversar — enquanto a sociedade estiver dividida em castas, e fundamentada no predominio iniquo de uma classe sobre outra, ezistirá, paralelamente, a luta dos de baixo contra os de cima, e nenhum acordo será possivel.

A reabertura do Congresso

Mais uma vez, para gandio dos ouvidos parvos da galeria, reabriu-se, a 3 do corrente, o Congresso nacional. Temos, pois, de gramar, durante oito mezes seguidos, a loquela empolada ou chucra e o ehué das ilustrissimas azemolas que a si mesmas, mas á custa do tezouro publico, se intitulam reprezentantes da nação, depozitarias da soberania popular... Triste nação, mizeravel soberania, que se deixam puxar e sugar tão de manso e submisso, sem um rilhar de ameaça, nem o menor jesto de rebelião! Não importa, porém, ó amigos das utopias loucas! —: para felicidade jeral do povo e adjacencias, algumas dezenas mais de leis e decretos serão forjadas, com sabios artigos e ordeiros paragrafos valentemente defendidos por discursos calorozos e perobicos pareceres! E tudo irá e continuará pelo melhor dos mundos possiveis e imajinaveis... Que importa a angustia que paira sobre os lares proletarios? Que importa a vertijinoza acendencia nos preços dos jeneros indispensaveis á alimentação e ao abrigo? Que importa permaneça sem solução o cada vez mais acentuado dezequilibrio entre o salario e as necessidades de consumo? E que importam a insaciabilidade dos açambarcadores e a insatisfação dos monopolistas? Que importa tudo isso?... Para os murmurios de descontentamento e para as veleidades de reivindicação aí eziste, como remedio heroico e infalivel, a policia aureliniana, abroquelada nas superiores razõis do estado de sitio e na argumentação acachapante do sabre e do clavinote. Recolham-se, portanto, as poucas linguas ouzadas e os raros punhos temerarios, e impere a unanimidade armentoza da planicie democratica: os pastores, velhos e novos, se reunem para tratar e rezolver definitivamente sobre os graves e prementes problemas da pecuaria e da lagarta rozada, do tiro ao alvo e das pautas aduaneiras, do prossimo ministerio e dos dragõis da independencia... O estomago, esta preocupação inestetica dos lorpas, que aperte mais a correia: os altissimos interesses da patria, ora ameaçados pelo inimigo sanguinario e multiforme, assim o ezijem e assim o ordenam. Tenhamos bem prezente, a cada minuto, a gravidade da hora que vivemos e elevemos os nossos coraçõis á altura dos acontecimentos. A honra da Patria se acha empenhada no prelio formidavel da civilização e da suavidade latinas contra a barbaria e a brutalidade jermanicas. Sejamos dignos de nós mesmos: um brazileiro é um brazileiro e um bicho é um bicho...

Além de tudo, para tranquilidade dos espiritos ainda apreensivos, escarmentados pelas esperiencias passadas, ha a notar que a atual lejislatura carrega o prestijio de ter sido coada pelo filtro moralizador da nova lei eleitoral. Os atuais deputados e o terço de senadores podem ser justamente considerados lidimos reprezentantes das vontades e aspiraçõis eleiçoeiras da massa. Seria clamorozo desconfiar da eficiencia dos seus talentos e da pulcritude dos seus caráteres. Eles constituem a fina flor dos nossos politicos e estadistas. Ha no seu seio mentalidades facinantes como Zé Bezerra, prestijios diplomaticos e habilidades picareteantes como Alvaro de Carvalho, juventudes radiozas como Nelson de Castro, jenios bibliograficos como Coelho Neto, jornalistas vigorozos e integrais como Pirajibe e Macedo Soares... Eminente e honrada récua que faria o orgulho de qualquer parlamento do mundo, o congresso de agora, cujas sessõis começam sob tão gratos auspicios, traz no seu bojo polpudas promessas de beneficios incontaveis e felicidades impagaveis para o povo, este bom povo obediente e rezignado do Brazil.

O povo, pois, que espere e vá preparando, desde já, as palmas e os aplauzos de gratidão. Espere sempre, não dezespere nunca..., Até, pelo menos, o dia em que o primeiro soviet carioca rezolver o despejo do Monroe. E então, que se guardem as palmas e os aplauzos, e se preparem os varapaus e as forcas.

Astrojildo Pereira.

Massimo Gorki

A celebridade de Massimo Gorki não data de hoje.

O grande novelista russo, que se notabilizou não só pela sua obra literaria como tambem pela sua vida aventuroza, mesmo no tempo do imenso Tolstoi era figura de primeira grandeza nas letras moscovitas.

Plebeu, vagabundo, tendo ezercido todos os misteres, poz todo o seu talento ao serviço da cauza popular, ingressando naturalmente nas hostes revolucionarias, e arrostando perseguiçõis, afrontando o ezilio, mas sempre fiel e dedicado á plebe, sua mãi.

Os seus livros são universalmente conhecidos e lidos, podendo Gorki considerar-se um dos maiores e mais orijinais romancistas de costumes do seculo. «Os vagabundos», «Os ex-homens», «Uma confissão», «O espião» e «A mãi» são titulos popularissimos que correm mundo, em variadas e numerozas ediçõis.

Tambem poeta e dramaturgo, embora menos conhecido por essas faces, ele é ainda um jornalista de primeira ordem.

Em consequencia das suas aventuras de vagabundo cosmopolita, Gorki ha algum tempo se retirara bastante enfermo para um recanto saudavel da Italia, onde poude equilibrar a saude alterada, á espreita da primeira oportunidade para lançar-se de novo na aspereza das lutas sociais.

E a revolução veiu encontra-lo no seu posto e teve no seu braço uma vontade conciente e entuziasta. Raiava enfim a liberdade sonhada e vizionada através anos inteiros de martirios e provaçõis...

Vencedora a revolução, Gorki entendeu que a sua ação seria mais proficua e proveitoza se ezercida na imprensa. Fundou pois um diario, «Novoia Jizn», que se publica em Petrogrado sob a sua direção.

O golpe massimalista de novembro teve naturalmente o seu apoio, — a sua indole, as suas convicçõis e idéas de sempre encontrando afinidades fundas com os revolucionarios da estrema esquerda.

Gorki desdenha, porém, do poder. A nenhum cargo aspirou nem aspira, e o seu unico dezejo dezinteressado e superior é trazer a massa inflamada e esclarecida sob a sua palavra sincera de lidimo plebeu, doutrinando-a e arrastando-a aos movimentos mais avançados.

A fotografia que estampamos é talvez a mais recente do grande escritor e supomos que adsolumente inédita de reproduçõis em jornais, pelo menos entre nós. Tiramo-la dum volume editado em Petrogrado, recedido direta da Russia por um seu patricio aqui rezidente.

DE S. PAULO

PRIMEIRO DE MAIO

Peza sobre nós uma atmosfera asficsiante.

Sente-se um mal estar indizivel, cauzado por uma tirania estupida e barbara, cuja ezistencia não acertamos a compreender, mas que nos dá uma sensação semelhante á sentida nesses dias de calmaria que precedem sempre as grandes tempestades.

A opressão procura esmagar-nos com o seu corpo informe de mastodonte, crava as garras impiedozamente nos cerebros e nos coraçõis dos que desentem homens, pretendendo arrancar deles idéas e sentimentos jenerozos, couzas estas grandes e sublimes, mas que não podem ser aceitas numa terra maldita como esta, terra de tiranias e baixezas.

Parece como que um imenso manto obscuro e espesso ocultasse o sol aos nossos olhos. Sufoca-se e sente-se um frio cortante que penetra até ao intimo da nossa alma.

E' a revolta, a indignação comprimida que pugna por mostrar-se, por transbordar em correntes impetuozas, correntes que arrastam consigo leis tiranicas, instituiçõis caducas.

Maio veiu alçar uma ponta deste tetrico manto que nos priva de sol.

Maio é a lembrança de grandes açõis, de sacrificios que nos animam, de lutas que nos ensinam. Por isso, quando, oprimidos e escorraçados, começa o entuziasmo a arrefecer, Maio traz-nos alentos e esperanças, aquece-nos com o seu rubro manto, manto de dor e de martirio, mas tambem de gloria e de justiça!

A plutocracia paulista pode deportar e encarcerar trabalhadores, violar domicilios a altas horas da noite, impedir que o pensamento se manifeste livremente, violar as relativas liberdades adquiridas a custa de grandes sacrificios, pode fazer muito no sentido de tornar o povo mais submisso e degradado, mas não poderá nunca impedir que os cerebros se dezenvolvam e pensem, quo os coraçõis se dilatem a impulsos de nobres sentimentos.

Pode impedir que os sentimentos e as idéas que os completam, se espandam em grandes caudais, mas não poderá nunca impedir que se manifestem, seja de uma fórma ou seja de outra.

Maio e as recordaçõis que ele nos traz vivem ha muito no coração do povo. Porém sentimos uma necessidade imperioza de afirmar que esquecemos os nossos martires, de afirmar que as idéas que os levaram á morte são as mesmas que alentam as nossas almas, e que por elas, como eles, estamos prontos a enfrentar as perseguiçõis, a calunia, a propria morte.

S. Paulo comemorou tambem, apezar dos obstaculos que lhe opuzeram, o dia 1. de Maio.

Não foi certamente uma comemoração imponente como a do ano passado, na qual o povo, acudindo em grandes ondas ao comicio monstro, fez sentir abertamente o seu protesto contra os crimes da sociedade burgueza. Não; a comemoração deste ano limitou-se a uma vela de propaganda realizada na noite de 30 de abril, e que constou do seguinte programa:

1· Hino dos trabalhadores, pela orquestra.

2· Subiu á cena o esboceto dramatico intitulado: «Primeiro de Maio»

3· foi recitada a poezia «Fuerza» de Alberto Ghiraldo, dedicada aos martires da idéa.

4· A poezia «Jesú», de Ovidio F. Rios.

5· Foi á cena a interessante farça de critica e propaganda: «El acabóse».

6· «Chicago!», poezia de A. Ghiraldo
7· «Donde está Diós?», poezia de M. Rey.
8· «El león de bronze», monólogo de Joaquim Dicenta.

—

Foi pois uma comemoração mais modesta que a dos outros anos, mas de uma modestia que encerrava mais grandiozidade, pois era uma altiva resposta ao rejimen de terror que aqui impéra, uma afirmação enerjica dos nossos principios, e da confiança que no seu triunfo continuaremos a depozitar

Muitos lutadores foram daqui retirados; outros surjiram. Correm boatos de que a policia maquina novas infamias, e é bem provavel que as leve á pratica. Novos lutadores serão daqui arrancados e levados quem sabe aonde! Talvez para o Mato Grosso ou para o Acre, confundidos com os inlifezesa quem a sociedade burgueza fez escoria e dos quais procura livrar-se.

Isso lhes será mais comodo e pratico, por ser um meio menos dispendiozo e que póde ser feito em segredo, evitando desta fórma o escandalo.

No entanto, quando esses lutadores forem daqui afastados, outros ainda surjirão, inevitavelmente, não bastando para impedir que isso se dê, nem os instintos sanguinarios dos que governam esta grande senzala, nem os muitos meios de que dispõem para saciar tais instintos.

As carabinas, as metralhadoras, os tanks de que tanto se orgulha a policia pauslita, as barbaras torturas inflijidas nos calabouços dos postos policiais, são meios poderozos para destruir corpos humanos. Mas quando são dirijidos contra as idéas que esses corpos abrigam, os rezultados são completamente contrarios aos vizados.

Pode o governo de S. Paulo conseguir que o povo se conserve algum tempo numa aparente calma, que não dê espansão aos seus sentimentos. Que não se iluda, porém, julgando que o não dar-lhes espansão, significa não os alimentar.

Os sentimentos, quanto mais reprimidos, mais se afirmam e crecem, até que enfim, transformados em paixão violenta, irrompem cegos, loucos e com força titanica arrastam consigo quanto a seu passo se opõi.

Isto sucede sempre e com o povo paulista sucederá tambem.

No povo russo de hontem ele tem a imajem do seu estadoatual. Não pode muito bem acontecer que com o ezemplo do povo russo de hoje, ele aprenda a sacudir os jugos que o atormentam?

E' o mais provavel.

A opressão jerará o odio, o odio, o odio erguer-se-á um dia, e, então ai dos que o cauzarem!

Tiranos, que cegos sois!

Não está aí a Russia como prova irefutavel do fim de todas ao tirania?

Maria A. Soares.

S. Paulo, Maio de 1918.

CONTRA FATOS...

Para a unanimidade da imprensa burgueza, os massimalistas continuam a ser os mesmos sujeitos vendidos á Alemanha.

Raro é o dia em que, no pregar titulos e subtitulos aos seus telegramas, bem como nos comentarios e nas apreciaçõis sobre a situação européa, não incida o plumitivo burguez na mesma técla das calunias e dos insultos, quando se refere aos massimalistas.

Ora, são esses mesmos jornais que, ás vezes, deixam escapar os mais solenes desmentidos á afirmação malevola de venalismo por parte dos revolucionarios russos. Por ezemplo, o telegrama seguinte, publicado pelo «Jornal do Comercio», sob o titulo *O embaixador massimalista em Berlim está fazendo das suas:*

«GENEBRA, 17. — O Embaixádor do Bolsheviki em Berlim, sr. Ioffe, continúa em atitude de dezafio ao Governo alemão e conserva a bandeira vermelha içada no mastro da Embaixada. O sr. Ioffe tem-se recuzado a fazer quaisquer vizitas diplomaticas e frequenta escluzivamente os membros dos partidos da minoria socialista.

Os jornais alemãis estão reclamando a espulsão do sr. Ioff como inimigo perigozo.»

Se isto é verdade, qeum poderá decentemente, acuzar Ioffe, e com ele os massimalistas, de que é ele um dos membros mais em destaque, de vendidos ao ouro alemão?

A este propozito, vale a pena lembrar a resposta que um deputado socialista francez deu a Clemenceau, em plena Camara. Clemenceau, referindo-se pejorativamente aos massimalistas, esclamou:

— Com aquela jente a questão é de dinheiro!

Ao que retrucou o deputado:

— Se a questão é de dinheiro e se os massimalistas só ajem a poder de ouro, — porque os aliados, que possuem mais dinherio que os alemãis, não compram os massismalistas?

E' claro que Clemenceau embatucou e engoliu a bucha integralmente.

Fragmentos subversivos

...Procura-se rezolver o problema do pauperismo fazendo viver os pobres; ou então, segundo certa escola avançada, divertindo-os.

Mas isso não é uma solução: é uma agravação da dificuldade. *A verdadeira solução consiste em reconstruir a sociedade sobre uma baze tal que o pauperismo seja impossivel.* E as virtudes altruisticas têm realmente impedido o avanço para esse fim. Assim como, entre os proprietarios de escravos, os peores eram os que se mostravam bons para os seus escravos, e de tal fórma impediam o horror do sistema de ser sentido pelos que o sofriam, e pelos que o consideravam; assim, no estado atual das couzas em Inglaterra, as pessoas que fazem mais mal são as que se esforçam por fazer bem o mais que podem; e, por fim, vemos alguns homens que realmente estudaram o problema e que conhecem a vida, — homens cultos que vivem no East-End, — a suplicarem a sociedade para restrinjir os seus altruisticos impulsos de caridade, de beneficencia, e o resto. Eles o fazem pelo motivo que uma tal caridade rebaixa e desmoraliza. E são perfeitamenta razoaveis. A caridade cria uma quantidade de vicios.

Ha tambem isto a dizer: é imoral empregar a propriedade privada para aliviar os males espantozos rezultantes da instituição da propriedade privada. E' imoral e dezonesto.

No rejimen socialista, tudo isso, naturalmente, será modificado: Não mais haverá pessoas que vivam em fétidas espeluncas, cobertas de andrajos fétidos, criando filhos doentios e esfomeados em bairros inaceitaveis e absolutamente repugnantes. A segurança da sociedade não mais dependerá, como hoje, do estado da temperatura. Não teremos, ao vir a neve, cem mil homens sem trabalho, errando pelas ruas num estado de angustiante mizeria, ou pedindo, com lamentaçõis, esmolas aos vizinhos, ou amontoando-se ás portas de azilos malsãos, afim de conquistar um pedaço de pão e um abrigo sordido para uma noute. Cada um dos membros da sociedade participará da prosperidade jeral e do bem estar da sociedade, e quando a neve chegar ninguem será praticamente mais infeliz.

—

...O Socialismo, o Comunismo, ou como quer que se chame, convertendo a propriedade privada em riqueza publica, e substituindo a concorrencia pela cooperação, restabelecerá a sociedade na sua verdadeira condição de organismo perfeitamente são, e assegurará o bem estar material de cada membro da comunidade.

—

...A possessão da propriedade privada é de regra, estremamente desmoralizadora, e isso constitúi, naturalmente, uma das razõis pelas quais se torna necessario que o Socialismo nos dezembarasse de tal instituição. De feito, a propriedade é realmente um flajelo. Ha alguns anos, varias pessoas sairam pelo paiz a afirmar que a propriedade implica uma serie de deveres. E o afirmaram com tanta frequencia e de modo tão fastidiozo que por fim a Igreja se poz a repeti-lo. Agora a mesma afirmação se faz em todos os pulpitos. Afirmação perfeitamente verdadeira. A propriedade não sómente implica uma serie de deveres: implica-a tanto mais quanto a sua possessão em grande escala constitúa um fardo. Ela traz responsabilidades sem fim; uma atenção sem fim nos negocios, um tormento infinito. Si a propriedade produzisse só prazeres poderiamos conserva-la; mas os seus deveres a tornam insuportavel. No proprio interesse dos ricos, pois, devemos dezembaraçar-nos dela.

—

...E' frequente dizer-se que os pobres se mostram reconhecidos pela caridade. Alguns deles o são sem duvida, *mas os melhores dentre os pobres não são jamais reconhecidos.* Eles são ingratos, malcontentes, insubmissos, e revoltados. E o são com absoluta razão. Eles sentem que a caridade é um modo ridiculamente desproporcionado de restituição parcial, ou um dom sentimental, habitualmente acompanhado por alguma tentativa importuna da parte do bemfeitor com o fim regular a sua vida privada. Porque hamam eles de mostrar reconhecimento pelas migalhas que tombam da meza do rico? Deveriam estar sentados no festim, e começam a compreende-lo. Quanto ao seu descontentamento: um homem que não se mostre descontente com taie bemfeitorias e um modo de vida tão baixo, é um bruto perfeito. A insubmissão, aos olhos de quem quer que leu a historia, é a primeira virtude do homem. E' pela insubmissão que o progresso tem se realizado, pela [in]submissão e pela rebelião...

...Louvam-se ás vezes os pobres por serem economicos. Mas recomendar a economia aos pobres é inteiramente ridiculo e ofensivo. E' o mesmo que aconselhar a um homem que morre de fome para comer menos. Seria absolutamente indigno, para um trabalhador da cidade ou do campo, praticar a economia.

—

...Quanto á mendicidade, é mais seguro mendigar que tomar, mas é mais belo tomar que mendigar. Não: um pobre que se mostra intrato, gastador, descontente e rebelde, dá provas de possuir verdadeira personalidade e talvez otimas qualidades. Vale, em todo o cazo, por um sadio protesto.

...Compreendo perfeitamente que um homem aceite as leis garantidoras da propriedade privada e da sua acumulação, desde que ele proprio seja capaz de realizar nessas condiçõis algum modo belo e intelectual de vida.

—

Acho, porém, quasi inacreditavel que um homem, cuja vida se estragou até ao horror em virtude dessas mesmas leis, possa aquiecer á sua continuação.

—

...A pobreza e a mizeria são tão completamente deprimentes e ezercem um efeito tão entorpecedor sobre a natureza do homem, que nenhuma classe da sociedade jamais teve verdadeira conciencia da sua propria intelicidade. E' necessario que outros o espliquem, e nem sempre essoutros são ouvidos com credito. O que dizem os grandes patrõis industriais contra os ajitadores é incontestavelmente verdadeiro. Os ajitadores são uma coleção de pessoas esforçadas e indiscretas, que procuram as classes da sociedade até então perfeitamente satisfeitas da sua sorte e semeiam entre elas as sementes do descontentamento. Os ajitadores tornam-se por isso absolutamente necessarios. Sem eles, no nosso estado de imperfeição, não haveria nenhum progresso para a civilização.

—

...Onde quer que ezista um homem que ezerça a autoridade, paralelamente um homem que rezista á autoridade.

—

...Com a abolição da propriedade privada, o cazamento, na sua fórma atual, deve dezaparecer.

—

...Altas esperanças se fundaram um dia, sobre a democracia; mas a democracia significa simplesmente o encabrestamento do povo pelo povo e para o povo.

—

...A punição dezaparecerá com o dezaparecimento da autoridade. Rezultará daí um grande beneficio, — beneficio, realmente, dum inapreciavel valor. Quando se lê a historia, não nas ediçõis espurgadas, escritas para escolares e estudantes, mas nos testemunhos orijinais de cada epoca, fica-se absolutamente horrorizado, não pelos crimes que os malvados cometeram mas pelos castigos que os bons inflinjiram; *e uma sociedade é infinitamente mais depravada pelo emprego habitual da punição do que pela ocurrencia acidental do crime.*

—

...Quando a punição tiver dezaparecido de todo, o crime ou cessará de ezistir ou, si se produzir, será tratado pelos medicos como uma fórma tristissima da demencia, afim de ser curado pela doçura e pelos cuidados. Porque esses que chamamos hoje criminozos não são absolutamente criminozos. A mizeria, e não a perversidade, é a mãi do cirme contemporaneo.

—

...Quando a propriedade privada fôr abolida, não haverá mais necessidade nem ecitação ao crime; ele cessará de ezistir. Todos os crimes, todavia, não são crimes contra a propriedade... mas, embora não ataque a propriedade, o crime pode rezultar da mizeria, da irritação e do abatimento produzidos pelo nosso injusto sistema de possessão, e assim, quando este fôr abolido, o crime dezaparecerá. Quando cada um dos membros da sociedade possuir suficientemente para as suas necessidades, e quando o seu vizinho não intervir no que lhe diz respeito, não haverá para ele nenhum interesse em intervir no que lhe diz respeito aos outros.

—

...O homem deve procurar vivercom intensidade, com plenitude, com perfeição. Quando puder consegui-lo sem ezercer compressão sobre os outros, ou sem suporta-la jamais, e quando as suas atividades lhe sejam agradaveis, ele será mais são, mais normal, mais civilizado, mais verdadeiramente ele-proprio.

Oscar Wilde.

CENTRO COSMOPOLITA

A Caixa de rezistencia

Quando mais intensa ia campanha do Centro Cosmopolita pelo cumprimento da lei do descanso semanal foi lembrada a organização de uma caixa de rezistencia destinada a amparar todas as vitimas do patronato. A idéa foi desde logo abraçada com entusiasmo. Listas de subscrição foram distribuidas, alcançando um rezultado deveras animador.

Agora a util iniciativa da caixa de rezistencia acaba de ser definitivamente sistematizada. A assembléa jeral de 29 de abril discutiu e aprovou as suas bazes de acordo, e, de harmonia, com elas, a classe, reunida a 17 do corente, escolheu para a respetiva comissão ezecutiva os companheiros Manoel Real Pose, Aurelio Mourinho Duran e Perfecto Gonzalez.

Pubicamos a seguir as bazes da Caixa:

Art. 1·—Fica instituida a Caixa de Rezistencia dos empregados em hoteis, restaurantes, cafés, pensõis, cazas de pastos, petisqueiras, bars, sorveterias e leiterias, com vida absolutamente autonoma e com a orientaçao que lhe fôr determinada pela classe reunida em assembléa jeral.

Art. 2·—A Caixa de Rezistencia tem por fins:

a)—Prestar ativa e eficaz solidariedade a todos os companheiros vitimas das lutas economicas e sociais;

b)—Quando, em consequencias de perseguiçõis patronais, algum companheiro ficar impossibilitado de conseguir colocação nesta capital, a Caixa o aussiliará para que se retire desta para outro ponto do paiz ou para o esterior;

c)—Em cazos de movimentos parciais a Caixa prestará a necessaria assistencia aos companheiros neles envolvidos e ás suas familias;

Da administração.

Art. 3·—A Caixa será administrada por uma comissão composta de trez membros, os quais distribuirão entre si os cargos de secretario jeral, secretario de atas e tezoureiro, durando o seu mandato trez mezes.

Art. 4·—Compete á Comissão:

a)—Tomar todas as iniciativas para obtenção dos recrusos materiais para que a caixa possa realizar integralmente o seu objetivo;

b)—Promover festivais, distribuir listas de subscrição voluntaria e apelar para a solidariedade das demais classes trabalhadoras, quando isto se tornar necessario;

Art. 5·—O movimento de receita e despeza da Caixa será relatado em balancetes mensais, publicados no orgam da classe, O COSMOPOLITA, e poderão ser discutidos na primeira assembléa jeral que se realizar apoz a sua publicação;

Art. 6·—Quando se tornar necessario rezolver assuntos de notoria importancia para os interesses da Caixa, o secretario convocará uma reunião, entendendo-se, porém, previamente, com a diretoria do Centro sobre a conveniencia do dia.

Esta é boa!

Os jornais rejistraram com escandalo as as noticias vindas da Russia, segundo as quais os soviets haveriam declarado abolido o cazamento legal e, em consequencia, a socialização da mulher. A socialização da mulher!... — *nada menos que isso...*

E' dificil a uma pessoa de mediano bom senso acreditar possivel o aninhamento. em craneo de jente pensante, de tais esturdias sesquipedais. Mas é a verdade purissima: a imprensa do Rio (e com ela, naturalmente, a imprensa burgueza mundial) deu abrigo e aceitou como veridica a informação de que na Russia foi declarada a socialização da mulher...

Reconstituamos, por hipoteze, e bazeandonos nos antecedentes teoricos e revolucionarios, o fato tal como é provavel que se tenha passado.

Abolido o rejimen da propriiedade privada e declarada a socialização das riquezas produzidas ou naturais,—o cazamento legal, o contrato legal entre homem e mulher e seus bens, *lojicamente e necessariamente perdeu toda a razão de ser. Em rejimen socialista a união secsual se dará unicamente pela livre vontade dos interessados, que regularão como bem entenderem a durabilidade vitalicia, longa ou breve dela. Si nem o marido nem a mulher possuem bens ou propriedades privadas, para que diabo qualquer contrato feito sob a autoridade de um pretor?*

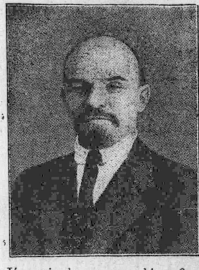
E não vos escandalizeis tanto, boas e candidas jentes da burguezia. Corais, vós outros, só com o imajinardes a elasticidade voluntaria de duração na união conjugal? Mas isso, desde que livremente, concientemente praticado, é muitissimo mais limpo, decente e moral que o que hoje acontece. E vós todos sabeis que hoje, os cazamentos, em boa parte, constituem um contrato comercial, em que o amor e a vontade dos conjujes podem entrar como elementos primordiais ou secundarios, como tambem podem não entrar em absoluto. E vós todos sabeis que a prostituição — a que chamais dezavergonhadamente mal necessario (1) *e que o vosso Estado reconhece e regula — é uma consequencia direta destas duas fontes: a propriedade privada e o cazamento legal.*

Para que, pois, essas finjidas pudicicias?

Quanto a vós outros jornalistas, ó inocentes criaturas, anjos custodios da moral publica! rufiõis e alcoviteiros, pederastas e cheiracús... — ide, ide todos á grande m....!

B. T.

(1) A propozito... Por ocazião da morte de Mère Louise, ocorrida domingo ultimo, *A Noite*, fazendo-lhe o elojio funebre, lembrava as jeraçõis de debochados seus freguezes, e aclarava: «Mas não eram só os simples boemios: letrados, diplomatas, artistas de nomeada, senadores, deputados e ministros de Estado — possivelmente, enfim, toda a nossa mocidade dourada, por ali passou divertindo-se ou vendo divertirem-se os outros». E são esses moralistas marca mèrelouises que bradam aos céus diante da abolição do cazamento — esse comercio legal do amor...

Lénine

Já aqui demos uma biografia de Lénine, acompanhada duma fotografia ... probabilissimamente falsa. Esta que hoje reproduzimos cremos bem ser a verdadeira. Tomamo-la de «l'Illustration» — que afirma te-la recebido especialmente de Petrogrado. E aproveitamos a ocazião para retificar certos enganos da referida biografia. Ela é de autoria de Luis Bonafoux, segundo vemos num periodico sulamericano, que provavelmente a transcreveu tambem do jornal espanhol («El Heraldo» ?). Nós, porém, é que não temos culpa na supressão do nome do autor: copiámos o artigo tal e qual apareceu n'«A Gréve», de Lisboa, que por sua vez o transcrevera d'«A Luta», da mesma cidade... Uma emenda séria a fazer: a escluzão de Lénine das Universidades data de 1887 e não de 1867, como saiu n'«A Gréve» e nós copiámos, aliáz desconfiados de que não estava certa.

Saneando o campo

Prometiamos no numero 30 d'O COSMOPOLITA, que continuariamos, apontando aos trabalhadores alguns atos infames de individuos que, não sendo operarios, têm-se arvorado em «meneurs» de certas classes, mais ou menos inconcientes, as quais, para sua infelicidade, foram organizadas para servir aos manejos policiescos e á vaidade da meia duzia de cretinos aventureiros.

Nada mais diremos sobre o companheiro do policial J. Campos, ele é demaziadamente conhecido nos meios operarios; para que havemos de estar injenuamente a repetir o que todos sabem?

Depois que nos embrenhamos neste assunto, os proprios jornais burguezes declaram, ao referir-se a uma certa roubalheira em que andou envolvido que ele é um «larapio conhecido».

Do ponto de vista moral, quem o queira conhecer procure a ordem do dia da Brigada Policial n. 161 de 8 de outubro de 1916, e verá o motivo porque foi espulso daquela imoral corporação.

Outros patifes continuam ainda com a mascara na cara, mas temos certeza que prestes lhes será arrancada. Na primeira publicação a este respeito feita nos a pedidos do jornal do Brazil, apontavamos como judas dos operarios, da mesma marca de Joaquim Campos e Machado, os aussiliares da policia Serafim Marques e Custodio Pedrozo Guimarãis, pois bem: estes procuram-nos mais do que aqueles; isto simplesmente porque, uns já estão perfeitamente conhecidos, enquanto outros, se bem enganam poucos, ainda enganam alguns.

Hontem era eu quem dizia que os Pedrozos enchiam as aljibeiras a custa de verbas secretas, hoje são os seus comparsas de hontem que o dizem, nos a pedidos do mesmo jornal.

Um fato ridiculo e mizeravel, vamos relatar, para que o publico saiba quem são estes pulhas.

E' sabido que o Pedrozo, Serafim Marques e mais caterva, privam com a policia sabe-se mesmo que estes dois são estipendiados pela verba secreta da policia, pois bem; o sr. Aurelino Leal, depois de chamar ao seu gabinete alguns reprezentantes da Federação Maritima, comprometendo-os a não aderir a algum movimento grevista que viesse a dar-se no mez p. p., chamou o Pedrozo e com o mesmo urdiu um plano sinistro. O Centro Cosmopolita ajitava-se para fazer respeitar a lei do descanso semanal e horario; o operariado do Rio sentia-se empolgado pela cauza justa dos garçons, faltava o grito que era esperado a todo o momento; por outro lado a U. J. dos Trabalh-a

Pelo nosso teatro

Constituiu um ezito brilhante a recita inaugural do G. T. C. S., efetuada a 30 do p. p. no palco-salão do Centro Gallego. Caza á cunha. Aplazos entuziasticos. Graça. Farta sementeira. Critica implacavel. Cenas de combate franco, saturadas de humorismo salutar e duma ironia viva, mordaz, subversiva. Verdadeira inovação no teatro livre.

* * *

Está anunciado para o dia 15 do mez que vem, o 2· espetaculo do C. S., organizado por iniciativa do Grupo Anarquista Jerminal, no qual estrear-se-ão novos amadores, e que obedecerá ao seguinte programa:

I Conferencia por Alvaro Palmeira.

I «Naufragos», ato á guiza de grand guignol.

III «Ninete», comedia em 1 ato.

«Ferro em braza», estilete em 2 atos, varios numeros de muzica e 35 personajens.

No final haverá quermesse e baile familiar.

O produto deste festival é destinado a publicação dum ecelente folheto de propaganda.

Nesta redação á venda os respetivos ingressos, a 1$ cada um. E tambem recebemos prendas para a quermesse.

—

G. T. Cultura Social

Balancete provizorio da Festa de 30 de abril

Cartõis distribuidos	756
« devolvidos	267
« ainda fóra	239

—

ENTRADAS:

Cartõis recebidos	250$000
Re ultado do leilão	27$200
Cartõis vendidos na porta	59$000
Total	336$200

SAIDAS:

Despe as jerais da festa	223$300
Objetos para o Grupo	22$800
Total	246$100

CONFRONTO:

Entradas	336$200
Saidas	246$100
Dinheiro em caixa	90$100

Avizo — Oportunamente será publicado o balancete especificado e definitivo da festa.

Pela Comissão:

Belarmino Fernandes.

Rio, 15—5—918.

? !

O Centro União dos Proprietarios em Hoteis está fazendo distribuir pelos negociantes pertencentes ao ramo a circular da qual reproduzimos abaixo um trecho. Para nós outros esse documento constitui um verdadeiro enigma, cuja decifração entregamos aos sabios da Escritura...

«Rio, 25—4—1918.

Caro consocio

De ordem do sr. Pre idente, recomendo-vos o massimo interesse no cumprimento, tanto quanto possivel, da Lei do Conselho, sobre os empregados, até que tenhamos a sentença definitiva, pará evitar esploraçõis da párte adversa».

Convem notar que, conforme se vê da respetiva data, esta circular foi espedida posteriormente á sentença do Juiz dos Feitos.

---

dores ameaçava em pouco tempo congregar todo o operariado, tornando-se uma força indomavel.

Era, pois, necessario dar um golpe de morte no movimento operario, e era isto o que planejaram os dois homens: o Pedrozo declararia a gréve jeral da classe pela associação de que é prezidente, e pederia a solidariedade até mesmo dos seus adversarios, enquanto o Sr. Aurelino Leal entendia-se com o Ministro da Guerra, no sentido de preparar as fortalezas, para receber os grevistas, menos o Pedrozo...

Tudo fracassou. A fortaleza de Santa Cruz chegou a estar de prontidão, mas a gréve não passou dos sapateiros, porque quando o Sr. Aurelino pensava estar falando a traidores do movimento operario, entre mais de vinte que o eram, havia um que foi leal e denunciou aos operarios, todos os planos que estavam sendo urdidos.

Pobres sabujos!

Mas um só homem leal vale mais do que todos os seus planos.

Rio, 12—5—1918.

Manoel Campos.

CONSEQUENCIAS DESTA GUERRA

(IMPRESSÕIS DUMA VIAJEM)

Os leitores, graças ao progresso que nos maravilhou com o telegrafo, pelo qual podemos estar mais ou menos em dia com os sucessos mundiais, julgam-se talvez suficientemente informados com o que é estampado na imprensa diaria. Verdade é que se o telegrafo fosse um ser animado, com vontade propria, ha muito se teria insurjido, abrindo conflito com as ajencias que impunemente abuzam da sua paciencia. Fazem-no mentir, deturpar, omitir, e só raras vezes, quando nisso não vai inconveniente ou não pode deixar de ser, diz a verdade. E como, decerto, os leitores compram todos os dias os jornais de grande circulação, com o intuito de acompanhar o dezenrolar trajico da guerra mundial, julgo não de todo descabido o descrever-lhe um pequeno pano de amostra do que são as suas consequencias que absorvem inteiramente a sensibilidade dos povos, principalmente os mais chegados ao teatro onde a trajedia se ezibe em toda sua sua hediondez. Serve-me de tema o que observei numa viajem á França, a terra por ecelencia dos filozofos, dos escritores, dos precursores da Nova Idéa e hoje confranje a alma o vê-la completamente absorvida pela guerra, — a daninha que tudo enerva, atrofia e devora.

Sem mais preambulos, aí vai nas suas linhas essenciais.

Foi ao escurecer. O navio, solto das amarras que o prendiam ao cáis, começou a fazer-se ao largo e em breve atinjia a outra marjem do Tejo, seguindo rio abaixo em direção á barra. Pela nossa alheta deixavamos o «Jardim da Rocha» onde um numerozo grupo de familias dos espedicionarios ajitavam no ar uma imensidade de lenços, em comovente despedida. Disse grupo de familias porque nele predominavam os trajes dos campos; no entanto, dias depois, a imprensa noticiava a partida das tropas «por entre entuziasticas aclamaçõis do povo de Lisboa»! A verdade é que para Lisboa, o coração do paiz, este fato passou despercebido.

A's saudaçõis feitas de terra, num profundo silencio que jelava os espiritos, a soldadesca retribuia de igual modo, espalhada pelos toldos, pelos castellos e alcandorados nas ensarcias.

Pela nossa popa surjiu então um vaporzinho que a toda a força se dirijia para nós, soltando repetidos silvos que nos despertaram a atenção. Todos os olhares se dirijem agora para ele, todo envolto em densa fumarada, denotando navegar em «marcha forçada». As maquinas do transporte pararam, fizeram contra vapor, e o portaló foi arriado. Pela guarita do vaporzito surjiu um soldado armado de baioneta calada; depois seguiu-se outro, mais outro e ainda outro. O ultimo vinha dezarmado, muito livido, bonet puxado sobre os olhos num olhar acabrunhado e duma injenuidade peculiar ás jentes do campo.

Era um dezertor. Soube-lhe a historia.

Tinha-se cazado havia um mez quando foi chamado para ser incorporado na primeira espedição a partir. No dia da partida, antes da formatura, conseguiu fujir do quartel, rezolvido a não mais voltar. Foi para a sua terra. Um vizinho, por rivalidades de negocios, denunciou-os as autoridades. Foi prezo e de novo remetido para a capital. Conduzido ao quartel jeneral, aí lhe disseram que estava considerado dezertor e como tal ia ser julgado, ao que ele retorquiu:

Então não vou para a guerra? Prefiro isso... Ao menos durante o tempo de prezidio que vou sofrer nunca me faltará a esperança de todo...

Esta resposta irritou tanto os seus superiores que, ato continuo, lhe anularam o processo e obrigaram-no a embarcar naquela mesma ocazião no navio que o havia de conduzir á morte.

Oh a lei! Evidenciado está o que ela vale e o que significa...

Aquele pobre rapaz tinha-a transgredido e como tal ia sofrer as penas. Muito bem. Mas como manifestasse preferencia em sofrer as consequencias da transgressão ás do seu cumprimento, logo a lei mudou de criterio. A doutrina do artigo em que o «prevaricador» tinha incorrido mudou-se subitamente, segundo o arbitrio dos seus intepretadores. E assim se violentava um homem a abdicar as suas aspiraçõis, que constituiam na vida a sua felicidade, obrigando-o a embarcar para um local que o enchia de apreensõis e onde viria a desmoronar-se toda a felicidade sonhada e realizavel atravez dos tempos.

—

O dia primeiro de maio foi o ultimo da viajem. Durante ela a soldadesca mostrava-se muito animada, rindo e cantando, como alheia ao seu destino já então bem prossimo. Era porque a palavra «guerra» ainda lhes não tinha ecoado no espirito, na sua rudeza brutal e estupida; era porque a sua voz sinistra ainda lhes não tinha ferido os timpanos; era porque o cortejo lugubre, frio e dezolado, que marcha, abstrato, num mutismo proprio das couzas sem conciencia, na sua cauda, ainda lhes não tinha passado ante as retinas... Mas não tardou em fazer-se sentir, porque d'aí a pouco uma modificação vizivel, embora tranzitoria, se operou naqueles espiritos. Por entre o nevoeiro que se dissipava avistou-se o Havre, importante cidade do litoral norte da França, hoje transformada numa grande cazerna internacional que alimenta a carnificina do «front». Depois da guerra era a primeira vez que eu lá aportava e desta vez em comissão dezempenhada por mim bem de mau grado.

Aqueles cinco mil homens, jente moça escolhida na parte sã, ezuberante da sociedade portugueza, iam ali dezembarcar com o fim de suprir o *combustivel* humano que em moto-continuo vai saindo em direção ao «front».

A soldadesca, espalhada pela amurada, contemplava estatica, o aglomerado de cazas que compõem a cidade. Já não riam nem cantavam, e ao bom humor, jovial e hilariante, manifestado aos primeiros dias, sucedeu-se uma melancolia jeral. Os olhares concentrados no mesmo ponto não atentavam em nada que na sua frente se erguia, e só seguiam o curso do pensamento. Um profundo silencio reinava a bordo, apenas quebrado pelo bulicio das aguas cortadas pelo navio que, vagorozo, se encaminhava para o cáis. Muitos daqueles rostos deixavam de ostentar o olhar e agora reclinavam a cabeça sobre uma das mãos apoiada pelo cotovelo na borda do navio. Os olhos humedeceram-se a muitos e alguns procuravam encobrir as lagrimas. Outros, querendo parecer fortes, esboçavam um pequeno sorrizo acompanhado de algumas frazes motejantes. Mas via-se que o sorrizo era forçado e as palavras não as ditava a conciencia.

—

Tinha acabado a faina de atracar o navio. O dezembarque começou, seguindo os soldados, muralha fóra, sob os olhares de numerozos famintos que haviam assaltado o navio, disputando avidamente, entre si, os sobejos das refeiçõis. Foi esta a recepção entuziastica que tiveram.

Era já tarde quando a ultima leva dezembarcou.

Encostado á amurada do navio eu contemplava a cidade, em cujo ambiente se respirava uma atmosfera impregnada de tristeza e inebriava-me naquele aspéto melancolico imprimido pela solidão em que, áquela hora, a cidade já se achava.

— Eh! portuguez! — pronunciou alguem

Volvi os olhos e deparei com uma rapariga dos seus dezoito anos, talvez, formoza, se não tivesse o rosto esqualido, enegrecido pela sujidade e o vestuario em estado lastimozo. Pronunciou algumas palavras no seu idioma. E, por me mostrar uma lata, eu compreendi estar me pedindo comida. Apontei-lhe a cozinha, e ela, mal os seus olhos depararam o balde de sobejos, arremessou-se sobre ele, encheu a lata e levou-a á boca, esvaziando-a sofregámente.

Mais adiante, muralha fóra, viam-se muitos grupos, verdadeiros quadros de mizeria, compostos por velhos e crianças de ambos os secsos, atarefados em apanhar uns restos de carvão, já reduzido a pó, que a descarga de um navio lhes havia proporcionado.

Então reparei que aquela mizeria não era vulgar, pois era facil constatar a anormalidade.

—

No dia seguinte fui á terra. Quem conheceu o Havre antes da guerra e que hoje lá vá, depara com uma anormalidade bem flagrante no estilo dos seus habitos e costumes, não muito facil de definir. No movimento das ruas destaca-se o elemento feminino, pelo numero; os homens que se vêm, ou já vão adiantados nos anos, ou são invalidos, raquiticos e enfezados. A adolecencia tão, essa eclipsou-se.

Reparei que todos os «bars» e cafés estavam repletos de soldadesca entuziasmada pelos vapores alcoolicos e pela garradice das prostitutas.

No Havre a prostituição dezenvolveu-se de tal maneira que as autoridades se sentem incapazes de regulamenta-la, ao contrario do que observei numa outra ocazião que lá estive, antes da guerra; então ezistia uma determinada zona destinada áquelas infelizes. Ora isto equivale a dizer que aquela cidade, á medida que se foi militarizando, se foi tambem prostituindo — o que leva a crer que prostituição e militarismo são bons amigos...

A' noite observei a maior degradação moral que os meus olhos têm visto.

Não só nos bordeis, como nos jardins, nos pontos mais escuzos, a prostituição ezercia o seu negocio, protejida pela escuridão das ruas, nas quais hoje se não acende uma unica luz.

E a soldadesca, a mesma que horas antes demonstrava possuir a nitida compreensão do papel que ia dezempenhar, aprezentava-se agora em plena orjia, como se apenas tivesse tido um pezadelo.

Parece que o Havre foi sabiamente preparado para adaptar os espiritos á vida das trincheiras...

Por muito tempo vaguei a tôa pelas ruas, até que fui dezembocar numa praça. Parei a uma esquina e ao lançar, ao acazo, os olhos para o interior da praça, reparei num espetaculo mudo, imovel que me enterneceu deveras.

A' luz do luar destacavam-se no chão, junto á relva dos ajardinados, nos bancos, as silhuetas de corpos que dormitavam. Encostei-me á parede, estarrecido, o cerebro assaltado por um aluvião de pensamentos.

Que fazia então nessa terra a praga de enviados especiais da imprensa de reputação universal e que estampa nas suas colunas uma não menos praga de cronicas sobre as couzas da guerra?

Ah! esses senhores jornalistas, cujas penas são a «gloria» do jornalismo, acham que tudo isto é couza de pouca monta para que possa figurar como tema das suas cronicas, mesmo as mais modestas.

Supremo sarcasmo! Que significa esse tão decantado «direito das jentes», freneticamente acenado pelos guerristas d'aquem Rheno? E' nisto que consistem os «direitos do homem», tão heroicamente proclamados pelo «noventa e trez»?

Que valeram as afirmaçõis feitas por uma pleiade de propagandistas que em dias como o de hontem, primeiro de maio, se espalhavam por toda a França, prégando a redenção? Onde estão esses escritores, filhos deste solo tão acessivel á sementeira da liberdade, e cujas penas tanto aussiliavam a obra de rejeneração humana?

O' infeliz povo! Contra ti cometeram um crime mais monstruozo que a propria guerra: roubaram-te a sensibilidade!

—

Os primeiros clarõis da aurora começaram a branquear o espaço. Despertei do estaze em que havia caido, e comigo tambem alguem que dormitava num paiol dum portão, sem que ainda tivesse dado pela sua prezença.

Era uma mulher alta, magra, de aspéto em estraordinario. Nos seus olhos, desmezuradamente abertos, lia-se o desdem, o desprezo, a ironia mesma. Muito calma, numa serenidade imperturbavel, levantou-se e seguiu passeio a fóra.

Um barulho ensurdecedor, produzido por motores de caminhõis, estabeleceu-se então. Era um comboio carregado de material belico que acabava de dezembocar na praça. Ao passar junto áquela mulher, ela estacou de subito, e ficou como petrificada.

Não tive tempo de observar se seria uma dezequilibrada. Mas, fosse ou não, o certo é que no olhar penetrante que ela lançava aos caminhõis, eu via a maldição atirada sobre as cabeças dos cauzadores de tanta desgraça.

—

Encaminhei-me para o cáis. Os primeiros estabelecimentos começavam a abrir, e ás suas portas assomava a figura dos seus proprietarios, num ar bonacheirão, o fizico deformado pela obesidade, esfregando as mãos, muito satisfeitos da sua vida.

Algumas janelas dos predios nobres já se abriam, e aqui e ali aparecia o rosto mal humorado dalguma burguezita que, — coitadas! — agora são forçadas a madrugar, porque estão privadas das orjias noturnas, nas *soirées* da moda, muito frequentes em tempo de paz.

Izidoro Augusto Silva.

(Ex-marinheiro da Armada portugueza)

Já voltei

Depois de uma peregrinação que durou cerca de oito mezes, eis-me aqui outra vez, de volta, com mais brio que antes, disposto, como o personajem de Alexandre Dumas, em sua obra, «O Conde de Monte Cristo», a não deixar em paz aos meus inimigos, enquanto não dezapareça esta sociedade hipocrita e cruel.

Ha oito iterminaveis mezes que, á semelhança do filho de Nazareth, carregava a cruz, e hoje, enfim, pude desprender-me do suplicio a que me sujeitaram a infamia e a cobardia dos dominadores atuais.

Tive tambem um judas, palmilhei as ruas da amargura, daqui á Norte America e vce-versa, padeci debaixo do poder dos Poncios paulistas, cariocas e pernambucanos, sem fazer menção do Poncio de todos os Poncios que é o governo norte americano. Padeci fome e frio em obediencia aos ditames da «justiça», sem haver jámais, em todo o meu caminhar por essa «via crucis», atinado com o crime por mim cometido, cuja compenetração me havia ajudado a sustentar um pouco o pezo do Madeiro.

Pois, apezar de tudo isto, senhores Poncios, meu animo não decaiu um momento sequer. Foi uma luta titanica: vós querieis eliminar-me e eu, com convicção e a confiança que possue o individuo que defende um ideal de justiça, permaneci sereno e inabalavel.

Tenho a dizer-vos que apezar de todos os padecimentos atrozes que suportei, apezar de haver dormido sobre o leito duro das taboas de um convés de navio, e, ultimamente, sobre as frias lajes de um xadrez, minha conciencia permanece tranquila, o que com certeza não sucederá com a vossa, deitados sobre fôfos e adamascados coxins.

Que haveis, pois, conseguido, senão demonstrar mais uma vez vossos sentimentos perversos e fazer levantar, ante a vossa infamia, um grito unanime de protesto de todo o operariado do Brazil?

Poderá haver alguem que por temer ás vossa reprezalias se afaste de nosso meio, mas esses farão muito para eles, e ainda melhor para a propaganda.

Quanto ao fim por vós almejado de acabar com a propaganda dos principios emancipadores do proletariado, afastando-nos do movimento operario, já estão atinjidos os seus rezultados. Podeis seguir em boa hora a vossa obra bemfeitora até que chegue o dia em que o clarim da rebeldia chame a postos todos os condenados, todos os despojados da terra afim de operar a grande e necessaria transformação da humanidade para, em logar dos Judas, dos Poncios, de escribas e farizeus, implantar em todo o Universo o reinado da Paz e da Fraternidade humana.

Francisco Aroca.

Como decorreu o 1· de Maio

O proletariado do Rio comemorou vibrantemente o 1· de Maio. Ao comicio convocado pela União Jeral dos Trabalgadores, e realizado no teatro Maison Moderne, as 2 horas da tarde acorreu enorme massa popular, tendo feito uzo da palavra, numerozos camaradas, esternando-se sobre a significação revolucionaria do 1. de Maio.

A Aliança Anarquista tambem tomou parte nas comemoraçõis do dia, promovendo uma reunião que se realizou á noite no salão do Centro Cosmopolita e que constituiu um completo ezito pela sua numeroza concurrencia.

Reproduzimos a seguir a significativa moção aprovada no meio do maior entuziasmo pela assembléa do Maison:

«A grande assembléa proletaria reunida no teatro Maison Moderne, em sessão comemorativa do 1· de Maio, convocada pela União Jeral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, tendo em vista que a data de hoje recorda um dos mais trajicos e dolorozos epizodios das lutas do proletariado moderno, rezolve, por aclamação:

Afirmar bem alto o seu protesto jeral e coletivo contra a esploração capitalista e a tirania estatal;

Declarar a sua absoluta solidariedade de classe com os trabalhadores de todo o mundo, sem distinção de nacionalidades nem de raças;

Esprimir o seu horror e a sua dôr ante a espantoza carnificina fratricida que dizima os povos da Europa e fazer votos ardentes por uma paz concluida e firmada diretamente pelos proletariados; e

Manifestar a sua profunda simpatia pelo povo russo, neste momento em luta aberta e heroica contra o capitalismo e o Estado».

LISTA DE SUBSCRIÇÃO em favor do camarada Francisco Ferreira, para os gastos do processo que lhe moveu a policia.

Belarmino Fernandes	3$000
Manoel Abril	5$000
Yo	2$000
Abrantes	3$000
Manoel Abrantes	2$000
Evaristo	2$000
Eu ebio Manjon	2$000
Joaquim Marujo	1$000
Fernando A. de Sá	3$000
Manoel Bueno	2$000
Joaquim Morais	2$000
Pedro Monreal	1$500
Antonio Domingues	2$000
Alfredo Italiano	1$000
Cristovão Frigman	1$000
Guilherme	1$000
Francisco Catalan	1$000
Alberto Gião	2$000
Cristovão Alba	1$000
João Michel	3$000
M. S. Barreira	2$000
Manoel Tavares	1$000
Antonio dos Santos Costa	2$000
J. P. Guerreiro	5$000
Jo é Elias da Silva	5$000
Soma total	55$500

U. J. dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Secretaria: Acre, 19

SÉDES DOS SINDICATOS ADERENTES:

União dos O. em Fabricas de Tecidos — Rua Acre, 19. Telefone C. 5754.

Sindicato dos Operarios das Pedreiras—Praça Tiradentes, 71.

União dos Metalurjicos—Rua Teofilo Otoni, 81.

União dos Oficiais Barbeiros — Largo do Rozario, 34.

Sindicato do Entalhadores — Rua do Senado, 215.

União dos Operarios em Calçados — Rua da Constituição, 21.

União dos Alfaiates —Rua da Alfandega, 182.

União da Construção Civil — Rua Gomes Carneiro, 14.

Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas — Rua do Senado, 215.

Liga Federal dos Empregados em Padaria Praça — Tiradentes, 71.

Centro dos Operarios Marmoristas — Praça Tiradentes, 71.

Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabacos — Praça Tiradentes, 71.

Centro Cosmopolita — Rua do Senado, 215. Telefone C. 1499.

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Viscende do Rio Branco 30

GARIBALDI
Pitoresco parc ao ar livre
(Entrada pela rua da Constituição 53)
TELEFONE C. 1573
Rio de Janeiro

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, cafe, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo

R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco
TELEPHONE: C. 3750
RIO DE JANEIRO

NÃO HA DUVIDA que é na **CASCATA DO MINHO**, a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a preços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...

RUA DO LAVRADIO, 11 — Telephone C. 4725

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das aguas de meza

"Casa Rist"

Deposito excluzivo de productos nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

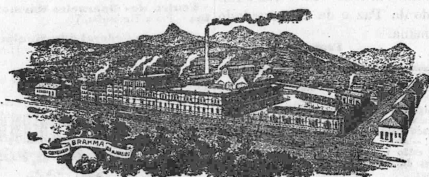
Rua 7 de Setembro n. 77 — Telephone 455-Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das Aguas de Meza

RIO DÃO O vinho de meza preferido
IMPORTADORES
J. Ferreira & C.
Cerveja Park Bier. Estomacal e nutritiva
PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM — SEMPRE NA PONTA
ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" — ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE
Rua do Lavradio n. 41 — Telephone 3329
RIO DE JANEIRO
DURAN & BARBOSA

CERVEJARIA BRAHMA

Recommenda as suas afamadas marcas:

Brahma - Brahmina - Teutonia - Fidalga - Malzbier - Brahma Porter

Que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto